



Ateliê do IFSC/ Criciúma: contribuições para a criação de espaços artísticos

Gabriel Dordete Rodrigues | gabriel.dr19@aluno.ifsc.edu.br¹
Jonathan Taveira Braga | jonathan.braga@ifsc.edu.br²
Giovana Letícia Schindler Milaneze | giovana.leticia@ifsc.edu.br³

Edital de fomento nº 02/2025/PROPPI - PIBIC

Trabalho de Pesquisa

DT 1 - Cultura, Comunicação, Territórios e Mediações Organizacionais

Resumo:

Considerando o fomento de ações artísticas e culturais como política de desenvolvimento da rede IFSC, o trabalho faz parte de um projeto de pesquisa aplicada que pretende qualificar espaços físicos para a experimentação em Arte nos contextos formais de educação. Tendo como objetivo a construção de critérios e estratégias de adequação para laboratórios-ateliês, o trabalho levanta necessidades específicas desse espaço no IFSC/ Câmpus Criciúma, criando estudos de adequação espacial como referência para instalações futuras, passíveis de serem replicadas em outras realidades. Pensar e projetar espaços educativos propositivos, artísticos e criativos, consiste em vislumbrar práticas que possam produzir ações procedimentais e relacionais, diversificando experiências e elaborando sentidos de pertencimentos, de coletividades, tão importantes para pensarmos trajetórias formativas. Trata-se, portanto, do esforço em afirmar espaços de experimentação singulares e potentes, propondo parâmetros e critérios de análise, desenvolvimento e aprimoramento das ofertas institucionais.

Palavras-chave: experimentação; espaço; laboratório; ateliê.

Introdução

O trabalho proposto é fruto de um projeto de pesquisa aplicada em andamento, o qual busca por critérios e estratégias para a efetivação de espaços acolhedores às práticas artísticas nos câmpus do IFSC, previstos como política interna de desenvolvimento e infraestrutura (PDI 2025-29). Tendo como objeto referencial o espaço-ateliê de Artes Visuais do Câmpus Criciúma, o trabalho identifica possibilidades de adequação e necessidades específicas para a qualificação dos usos desse ambiente pela comunidade acadêmica em seus diferentes níveis de formação e demanda.

¹ Estudante do 3º período de Engenharia Civil do IFSC/ Câmpus Criciúma.

² Docente de Artes Visuais do IFSC/ Câmpus Criciúma.

³ Docente de Desenho e Projeto de Edificações do IFSC/ Câmpus Criciúma.

Tornar realidade espaços específicos de experimentação artística no contexto da educação básica, técnica e tecnológica consiste não apenas na preocupação em evidenciar a importância da formação estética e integral de determinada comunidade acadêmica, mas também de apontar atenção às funções de trabalho, de integração e de vivência em Arte necessários nesses espaços.

O espaço-ateliê do Câmpus Criciúma configura uma ferramenta educativa que responde à carência de espaços de integração e convívio propositivo, requerendo atribuições específicas, adequação espacial, perspectivas de desenvolvimento, qualificação visual e organizacional. Nessa perspectiva, o trabalho se desenha como uma oportunidade para levantarmos os dados necessários para a efetivação e aprimoramento das ofertas institucionais, possibilitando o surgimento de uma estrutura referencial para a prática artística e cultural no contexto educacional de diferentes realidades.

Fundamentação teórica

Pensar espaços educativos propositivos, como os laboratórios-ateliês, consiste em vislumbrar práticas que possam produzir ações sensíveis, sentidos de existência e pertencimento (Larrosa, 2002; Duarte Júnior, 2001). No contexto do ensino da Arte na educação básica, a manutenção de espaços adequados e específicos para o fazer artístico assegura o desenvolvimento apropriado de estratégias para a aquisição de habilidades cognitivas, emocionais e sociais que vão além da assimilação de técnicas e saberes procedimentais. Trata-se de espaços de experimentação, interação e criação destacados por autoras como Ana Mae Barbosa (2009) e Loris Malaguzzi (Cagliari *et al.*, 2016) para a integração de habilidades, desenvolvimento crítico e afetivo, expressão individual e coletiva que possuem singularidades em relação a outros espaços de um contexto escolar.

Para Solange dos Santos Utuari Ferrari (2012, p. 160), o significado de um laboratório-ateliê seria um “lugar para criar, planejar, pesquisar, conviver com os trabalhos, formar ideias que tomam significados”, entre processualidades e capacidades convidativas. “Cavaletes, tintas, pincéis, ferramentas, máquinas, livros, anotações, trabalhos já realizados, outros a concluir, coisas para se fazer nesse espaço”, nos diz

Ferrari. Um lugar que nos provoca uma forma de atenção particular, um estado de ateliê (Barbieri, 2021). Estado este de “uma presença simbólica e sensível diferenciada, de abertura para o que estamos vivendo; estado de percepção, de movência no mundo, um estado laboratorial; é o que nos traz vitalidade. É a potência de sermos afetados, de perceber nuances” (Barbieri, 2021, p. 18).

No contexto dos espaços educativos, um ateliê pode ser uma estratégia capaz de liberar a escola de formatos rígidos e muitas vezes estéreis criativamente, transformando-a em um jardim secreto ou ninho⁴ para a invenção. Na escola, como no caso do Ateliê do IFSC/ Câmpus Criciúma, este espaço deixa de ser apenas uma sala de aula convencional para se tornar um território de criação coletiva e uma arquitetura de afetos e diálogos. A característica central desse espaço-objeto de pesquisa é a processualidade, em consonância com Lemos (2023), quando diz que “no ateliê, o foco desloca-se do resultado final para o acompanhamento do processo criativo, onde o fazer para terminar é substituído pelo fazer para escutar, permitindo que o tempo seja ditado pela curiosidade”. Ao focar na processualidade, esse espaço deixa de buscar produtos para acompanhar o movimento dos fluxos e forças presentes nas relações intersubjetivas. É através deste fluxo contínuo que o ateliê revela sua identidade e a singularidade dos sujeitos envolvidos.

Procedimentos metodológicos

A metodologia de desenvolvimento do trabalho considerou o levantamento de referenciais e a revisão bibliográfica em torno da importância de espaços físicos — Ateliês — para a prática artística e criativa em contextos escolares. Tal momento pretendeu a organização argumentativa sobre as especificidades dos laboratórios-ateliês e suas correlações com os projetos formativos propostos em instituições formais de educação, visando parâmetros para a análise, o fomento e a manutenção desses espaços.

Num segundo momento, o trabalho investiga o espaço físico do laboratório-ateliê do campus Criciúma, buscando cartografar (Costa, 2014) as necessidades específicas e

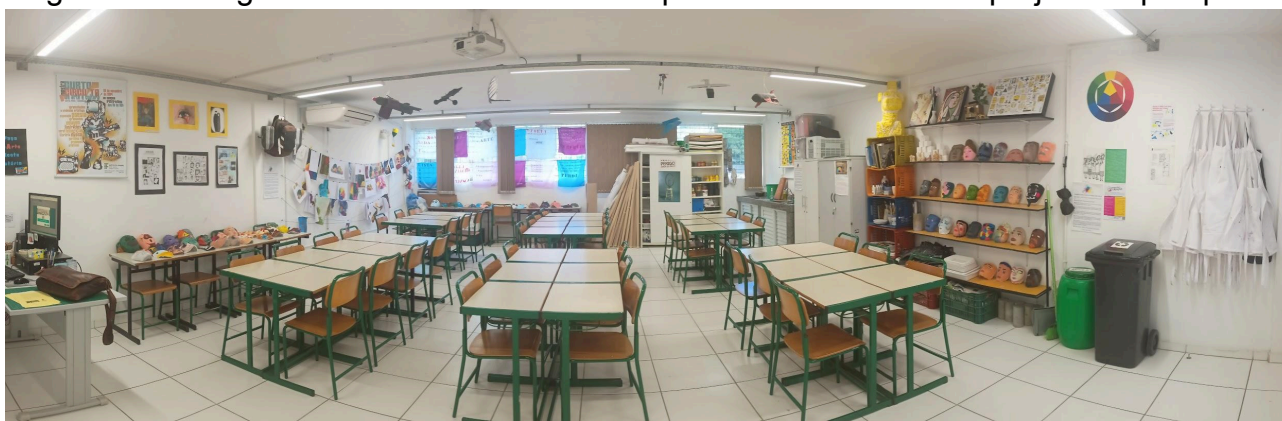
⁴ O ninho é a adaptação de um espaço qualquer para um canto de criação, analogia feita por Simone Milak quando da nossa visita ao seu ateliê-jardim.

de adequações para o pleno funcionamento e a garantia da qualidade das ações realizadas nesse ambiente. Contudo, antes desse momento de criação junto ao laboratório-ateliê especificado, um mapeamento de outros ateliês foi realizado a partir de visitas virtuais em sites e redes sociais de espaços-ateliês em diferentes lugares, como também a visita física ao ateliê de Simone Milak, artista-ceramista de Criciúma-SC.

Resultados e discussões

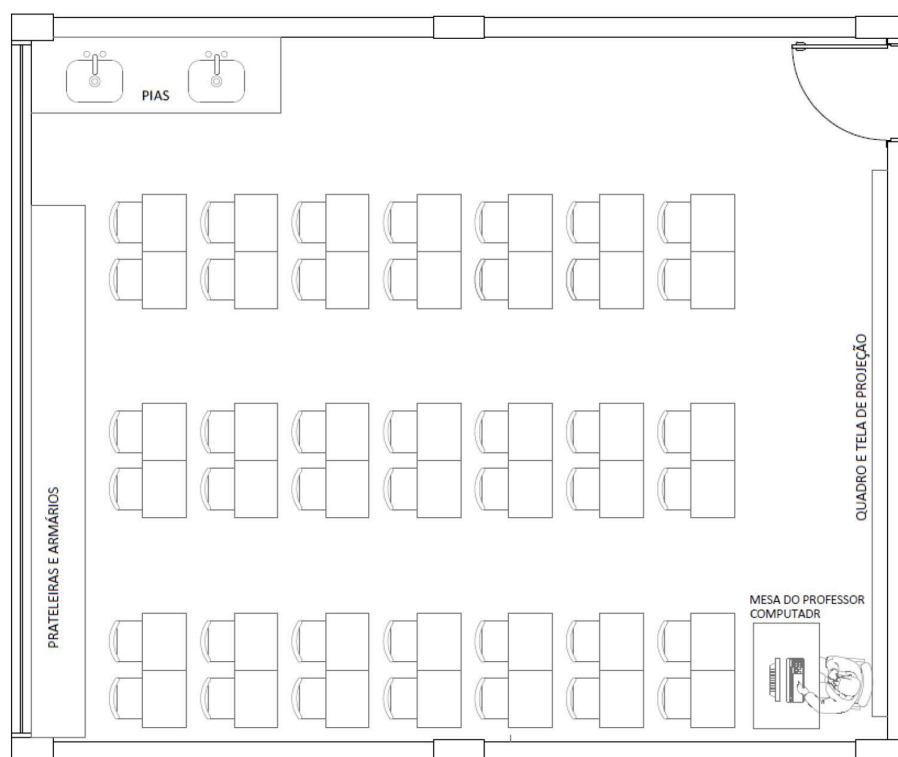
Considerando a característica processual, formativa, experimental e vivencial dos espaços-ateliês, observamos com atenção a história do laboratório-ateliê do IFSC/ Câmpus Criciúma: passou por diferentes salas nos últimos 10 anos; já ocupou uma sala de aula comum, resumindo-se a um armário; dividiu seus espaços com os servidores terceirizados; adaptou-se a uma sala do tamanho do almoxarifado; e, desde 2022, após a conclusão do Bloco D, encontra-se numa sala maior, térrea, com área útil de 66,6m² e equipado com 42 mesas e cadeiras, armários, prateleiras, mesa com computador, som, quadro branco, projetor, 2 pias e aparelho de ar condicionado, conforme Figuras 1 e 2, a seguir.

Figura 1 – Fotografia do Ateliê do IFSC/ Câmpus Criciúma antes do projeto de pesquisa



Fonte: autores (2025).

Figura 2 – Planta baixa do Ateliê do IFSC/ Câmpus Criciúma no início do projeto de pesquisa



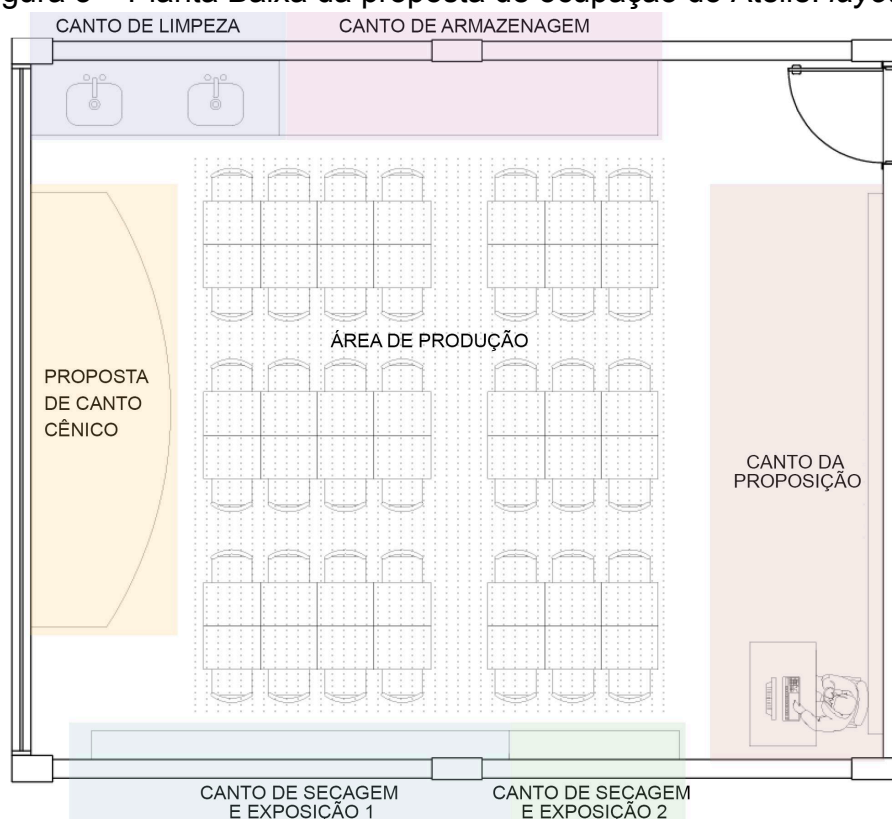
Fonte: autores (2026).

Partindo da imagem e planta baixa do espaço-ateliê do IFSC/ Câmpus Criciúma, levantamos suas necessidades conforme proposições da disciplina de Arte nos currículos ofertados, como também, dos projetos de ensino e extensão consolidados nesta sala. Dentre as especificidades desse espaço em relação aos outros laboratórios disponíveis no Câmpus, observamos o uso de materiais e ferramentas para o trato com técnicas úmidas e secas, o desenvolvimento de trabalhos processuais que requerem tempo de maturação e aprimoramento, a presença de ações corporais que exigem trânsito e movimento para outros modos de configurar o ensino-aprendizagem. Olhar para este espaço e seus processos de transformação ao longo do ano letivo, possibilitou construirmos uma perspectiva espacial de experimentação artística atenta também ao possível, daquilo que podemos alcançar quando a sala-Ateliê permitir uma adaptação plena e específica para suas funcionalidades. Os desenhos a seguir abordam exatamente esse possível: uma proposta em desenvolvimento para determinada ocupação.

Durante a pesquisa entendemos a necessidade de organizar o espaço criando zonas de interesse para as atividades do Ateliê, nomeadas como “CANTOS”. A ideia central de organização da proposta é tornar visível a processualidade como

procedimento-chave de ação e conduta neste espaço. Os *layouts* a seguir consideram a capacidade de atendimento do espaço e os 6 cantos criados, sendo eles: CANTO DE ARMAZENAGEM, local para organizar os materiais utilizados nas atividades realizadas, como ferramentas e suportes; CANTO DE LIMPEZA, canto com duas pias para a lavagem das ferramentas utilizadas; CANTO DE SECAGEM E EXPOSIÇÃO 1, um gradil com o objetivo de secar trabalhos bidimensionais e possibilitar o acompanhamento dos processos através da exposição contínua; CANTO DE SECAGEM E EXPOSIÇÃO 2, com prateleiras suspensas utilizadas para trabalhos tridimensionais, como esculturas em gesso, massa e argila; CANTO CÊNICO, um tablado para a proposição e a apresentação de trabalhos corporais, como saraus, esquetes e conversas; CANTO DA PROPOSIÇÃO, área para a condução de dinâmicas com equipamentos de projeção de imagens, mesa equipada com computador e som ambiente, além de lousa para encaminhar orientações.

Figura 3 – Planta Baixa da proposta de ocupação do Ateliê: *layout 1*

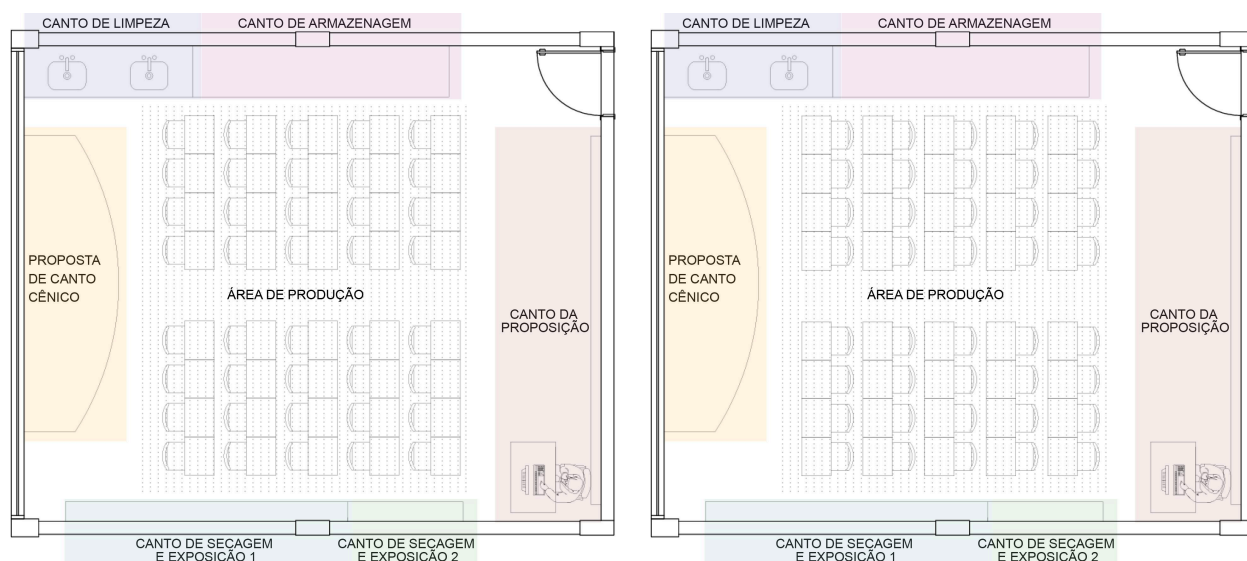


Fonte: autores (2026).

No *layout 1*, a proposta considera o uso compartilhado de materiais através de mesas e cadeiras organizadas em conjuntos, afirmando espaços coletivos de produção e

partilha. Consideramos relevante destacar nessa proposta a possibilidade de escuta e sociabilidade presente nas ações desenvolvidas, como também a fluência dos movimentos dos frequentadores importantes para tais ações.

Figura 4 – Planta Baixa da proposta de ocupação do Ateliê variando a direção das mesas e cadeiras presentes na área de produção: *layout 2.a e 2.b*



Fonte: autores (2026).

No *Layout 2.a e 2.b*, para que comportasse uma área de produção em forma de auditório, propomos uma redução para 40 mesas e cadeiras, duas a menos que o *layout 1* e ainda dentro da capacidade do espaço. Essa configuração possibilita o trabalho com didáticas expositivas e dialogadas, auxiliando a concentração dos grupos para um único foco de atenção, como proposições que pretendem observação, análise, contemplação e/ou formação de plateia.

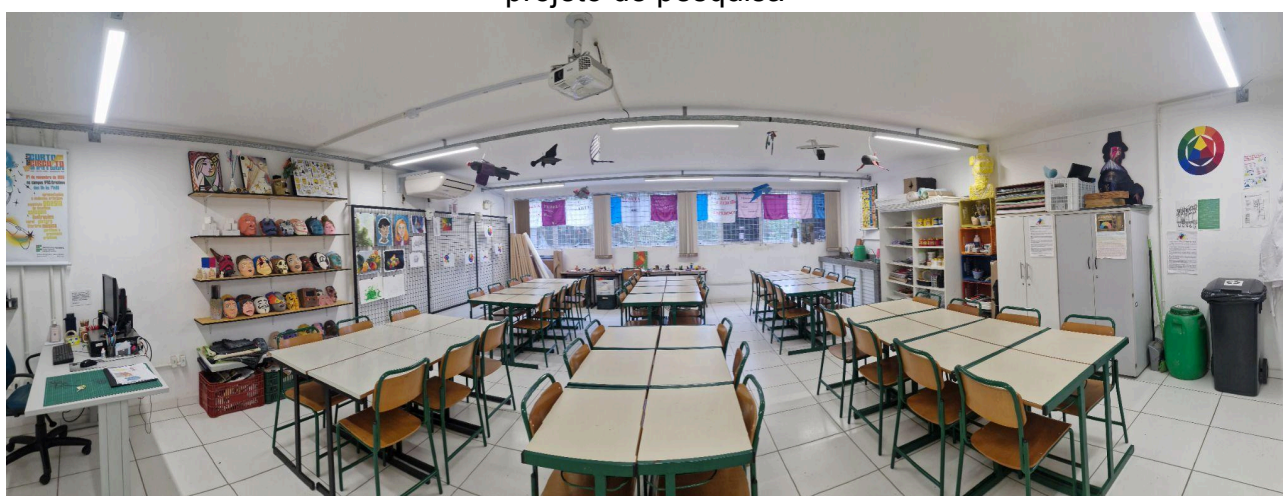
Considerações finais

Pensar e projetar espaços educativos propositivos, artísticos e criativos, consiste em vislumbrar práticas que possam produzir ações procedimentais e relacionais, diversificando experiências e elaborando sentidos de pertencimentos, de coletividades, tão importantes para pensarmos trajetórias formativas. Trata-se, portanto, do esforço em

afirmar espaços de experimentação singulares e potentes, propondo parâmetros e critérios de análise, desenvolvimento e aprimoramento das ofertas institucionais.

Dentre as propostas e estudos aqui apresentados, algumas adaptações foram efetivadas durante a realização do projeto de pesquisa, como podemos observar na Figura 5 abaixo.

Figura 5 – Fotografia do Ateliê do IFSC/ Câmpus Criciúma durante o desenvolvimento do projeto de pesquisa



Fonte: autores (2026).

A organização do espaço, prevendo os diferentes “Cantos” mencionados anteriormente, considerou as diferentes concepções argumentativas e projetuais, vislumbrando futuramente a efetivação do “Canto Cênico”, do aprofundamento nos estudos de cores e na importância da presença de elementos naturais como estimulantes para a criação e vivência em Arte.

Referência ao fomento recebido

Trabalho resultante do projeto de pesquisa “Espaços de experimentação artística no contexto do IFSC/ Câmpus Criciúma: contribuições para a criação e a adequação de laboratórios-ateliês”, aprovado pelo Edital nº 02/2025/PROPPI - PIBIC e contemplado com bolsa de Iniciação Científica do CNPq.

Referências



BARBIERI, Stela. **Territórios da invenção: ateliê em movimento**. São Paulo: Jujuba, 2021.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos; COUTINHO, Rejane Galvão (org.). **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Unesp, 2009.

CAGLIARI, Paola; CASTAGNETTI, Marina; GIUDICI, Claudia; RINALDI, Carlina; VECCHI, Vea; MOSS, Peter (orgs.). **Loris Malaguzzi and the Schools of Reggio Emilia**. Routledge, 2016.

DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. Curitiba: Criar, 2001.

INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2025-2029**. Florianópolis: IFSC, 2025. Disponível em: https://www.ifsc.edu.br/documents/d/documentos-norteadores/pdi_2025-2029_v5. Acesso em: 22 maio 2026.

LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

LE MOS, Luana Bach. **Desvios vermelhos: percursos poéticos em um ateliê na escola**. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2023.

UTUARI, Solange. **Encontros com Arte e Cultura**. Rio de Janeiro; São Paulo: FTD, 2012.